

NÚCLEO ESPECIALIZADO

Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher

Boletim eletrônico



DEFENSORIA PÚBLICA
DO ESTADO DE SÃO PAULO

Apresentação

Assuntos em
destaque

Colunas em destaque

- Direito & Sociedade
- Jurisprudência
- Panorama Internacional
- Panorama Nacional
- Mulheres em Movimento
- Opinião
- Agenda Cultural

Apresentação

A **71ª Edição** do Boletim Informativo do NUDEM apresenta um balanço geral sobre as ações desenvolvidas e apoiadas pelo NUDEM. Também, por meio do Boletim, pretendemos divulgar as ações e eventos realizados pelo NUDEM. Ressaltamos que o espaço do Boletim é aberto a todas (os) que queiram colaborar.

Editorial

Retrospectiva 2017

Em dois de fevereiro deste ano que se encerra, a pesquisadora Debora Diniz^[1] afirmou que “2016 foi um ano preparatório para a reviravolta feminista em 2017”. Descreveu que o feminismo é o movimento que mais cresce entre meninas muito jovens e quanto maior a força da opressão conservadora, mais inteligente e diversificada é a atuação em prol dos direitos das mulheres.^[2]

Pois bem, infelizmente não podemos afirmar que a reviravolta prevaleceu, mas entre avanços e retrocessos o ano seguiu com os direitos das mulheres em evidencia, e principalmente, em disputa no Brasil.

Segundo a escritora Eliane Brum^[3], a lógica que pauta o Congresso desde 2010 tem sido a de barrar qualquer avanço nos direitos das mulheres sobre o seu próprio corpo, bem como matérias que dizem respeito a gênero e raça. Esclarece que “um dos truques mais eficientes é justamente aterrorizar com projetos que significam retrocessos”^[4], fazendo com que a luta se restrinja a resistência para não perder direitos.

Helena Lahtermaher Oliveira
Membro colaborador do NUDEM

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

[Voltar ao menu](#)

Assuntos em destaque

Direito& Sociedade

Maioria das mulheres processadas por aborto no RJ é negra e pobre

De acordo com o Código Penal, o aborto é crime no Brasil, com pena de um a três anos, salvo em situações em que há risco de vida para a mulher ou para o feto e em casos de estupro

Pelo menos 42 mulheres que fizeram aborto no estado do Rio de Janeiro entre 2005 e 2017 foram processadas e respondem a processo criminal pela prática, segundo levantamento da Defensoria Pública do estado divulgado em meio à campanha dos 16 Dias de Ativismo Contra a Violência de Gênero.

De acordo com o Código Penal, o aborto é crime no Brasil, com pena de um a três anos, salvo em situações em que há risco de vida para a mulher ou para o feto e em casos de estupro. O estudo definiu o perfil das mulheres que respondem à ação por terem recorrido ao aborto para interromper uma gravidez indesejada: a maioria é negra ou parda, têm entre 22 e 25 anos, já

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

[Voltar ao menu](#)

Quando Cileide achava que nada mais ia mudar, tudo mudou

No dia em que a lei Maria da Penha entrou em vigor, em 2006, pernambucana denunciou agressor. Segundo ONU Mulheres, 17% das nordestinas já foram agredidas alguma vez

Cileide Cristina da Silva, durante a entrevista.

"Eu acho até bom contar minha história, porque chega mais longe, chega em mais pessoas que vivem o que eu vivi", começa dizendo Cileide Cristina da Silva, que por muito tempo sentiu na pele o fato de ter nascido mulher e pobre em uma cidade do nordeste do Brasil. "Outro dia eu e minha filha estávamos olhando que eu tenho dois perfumes fechados. Aí eu lembrei que ele dizia que mulher que usava perfume era para 'botar gaia' [trair]. Minha filha não podia usar creme no cabelo, ele dizia para colocar óleo de cozinha. Hoje a gente ter um perfume fechado é muito, sabe? E faz a gente pensar em coisas que já passou", prossegue. "Ele" é seu ex-marido Francisco, que durante duas décadas agrediu Cileide de todas as formas possíveis.

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

[Voltar ao menu](#)

Os homens não entendem como consentimento funciona, diz estudo

Pesquisa norte-americana aponta a dificuldade de homens héteros em entender os limites na interação sexual.

Assédio sexual tem sido o assunto da temporada, e por uma boa razão. De Harvey Weinstein a Roy Moore — sem falar em **brasileiros como José Mayer** —, vários homens em posição de poder foram denunciados por assediar e abusar de mulheres por anos. E pela primeira vez, muitos deles estão realmente encarando as consequências. Como resultado, os homens estão agindo com um pouco mais de cautela no trabalho e além — seja porque querem ser aliados das mulheres ou ter certeza de que não terão problemas com o RH. Mas se tem uma coisa que aprendemos com a onda de alegações e da conversa que se seguiu, é que muita gente (especialmente homens) ainda não entende completamente como navegar sem extrapolar os limites sexuais. Um novo estudo sobre como os homens interpretam interações sexuais sugere que apesar dos esforços incansáveis de ativistas e educadores, os homens ainda mandam muito mal na hora de determinar consentimento sexual.

O estudo de uma grande universidade norte-americana — intitulado **“Determinantes Situacionais da Percepção de Homens Universitários sobre Desejo e Consentimento de Mulheres para o Sexo: Uma Análise por Vinhetas”** — ouviu 145 homens universitários héteros com uma média de idade de 20 anos. Por telefone, o Dr. Richard E. Mattson, um dos autores do estudo, disse à VICE reconhecer que a amostragem do estudo é pequena e a demografia bastante específica (92% brancos, 58% protestantes), mas informou que o próximo estudo, em processo de revisão, terá mais diversidade. O estudo publicado, no entanto, oferece pontos importantes.

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

[Voltar ao menu](#)

Botão do Pânico' é lançado no Paraná e vai atender mulheres com medidas judiciais protetivas

Atualmente, pelo menos 25 mil mulheres no estado têm restrição, em que o ex-companheiro não pode se aproximar.

Governo estadual lançou, um dispositivo chamado de "botão do pânico". Ele será usado por mulheres que estejam com medidas judiciais protetivas. Atualmente, pelo menos 25 mil mulheres no Paraná têm esse tipo de restrição, em que o ex-companheiro não pode se aproximar.

A princípio, 15 cidades – que tenham Guarda Municipal ou Patrulha Maria da Penha – serão atingidas pela medida. Curitiba e municípios da Região Metropolitana estão entre essas cidades.

Se o "botão do pânico" for acionado, a Guarda Municipal ou a Patrulha Maria da Penha será imediatamente mobilizada para atender a situação.

A Justiça de cada um dos 15 municípios listará quais mulheres, consideradas em risco maior, vão receber o dispositivo.

Queixas por agressão na capital

De todas as mulheres que registraram Boletim de Ocorrência (B.O.) por agressão na capital paranaense, 76% são mães, de acordo com levantamento feito pela Delegacia da Mulher, divulgado.

Entre elas, 11% atribuem aos filhos o motivo para continuar com o agressor. Segundo a polícia, as que responderam ter relação afetiva com quem praticou a violência somam 60%; 61% não dependem financeiramente dele.

Ainda conforme o levantamento, 47,16% das ocorrências registradas são de agressão física e 37,65% de agressões psicológicas e morais.

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

[Voltar ao menu](#)

4 campanhas fortes sobre assédio sexual que marcaram 2017

Em 2017, marcas investiram em campanhas contra o machismo e a violência contra a mulher

Em março deste ano, uma ação criada pela FCB para o Estadão usou a criatividade para vestir uma causa importante em meio aos holofotes e o glamour das passarelas do São Paulo Fashion Week. A campanha “Sexismo Invisível” colocou no maior evento de moda do Brasil modelos com mensagens pintadas nos corpos. Eram frases curtas, mas que dizem muito sobre o assédio contra as mulheres, tais como “Decote não é convite” e “Minha saia não é permissão”.

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

[Voltar ao menu](#)

Grávida que teve aborto negado pelo STF realiza procedimento na Colômbia

No país vizinho, Rebeca Mendes afirma ter sido acolhida e se sentido em condições de interromper a gestação de forma legal e segura

O debate aconteceu no Brasil, mas foi a mais de três mil quilômetros de distância daqui que se deu o seu desfecho. Rebeca Mendes, de 30 anos, que enviou uma carta ao Supremo Tribunal Federal (STF) pedindo para interromper sua gestação de maneira segura e sem ser punida judicialmente, afirma ter feito o aborto na Colômbia na última semana. Grávida de quase nove semanas, ela foi ao país a convite do Consórcio Latino-americano contra o Aborto Inseguro (Clacai) para participar de reuniões e debates com este e outros movimentos. Sua passagem e a hospedagem foram pagas pelo consórcio.

— Não vim para interromper a gestação. Sabia que a Justiça brasileira poderia negar meu pedido e tinha planos emergenciais sobre como proceder. A Colômbia estava nesses planos, mas não por agora. Até porque ainda me faltava uma resposta do juiz de São Paulo – disse Rebeca, em entrevista por telefone, ainda em Bogotá. — Aqui eu me senti muito amparada e recebi o apoio que não encontrei no Brasil, vindo de pessoas que não me conheciam, mas que ficaram sensibilizadas com o meu caso. Foi então que eu decidi fazer.

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

[Voltar ao menu](#)

Jurisprudência

STJ fixa precedente inédito sobre assédio sexual em transporte público

Caso foi julgado na 4ª turma do STJ, e relatado pelo ministro Salomão.

A 4ª turma do STJ fixou, um precedente inédito na Casa que envolve caso de assédio sexual ocorrido dentro de vagão da CPTM - Companhia Paulista de Trens Metropolitanos.

Uma jovem ajuizou ação de indenização, pedindo danos morais e materiais, por ter sofrido assédio no ano de 2015, quando ainda era menor de idade; estava ela no transporte público a caminho da escola. A Justiça de SP indeferiu a inicial da ação da garota contra a CPTM por falta de interesse de agir, já que o ato foi praticado por outro usuário do serviço de transporte pública; essa foi a decisão da 1ª e da 2ª instância.

Ao analisar o caso, o relator, ministro **Luis Felipe Salomão**, assentou que a legitimidade da CPTM se extrai do fato da demandante, usuária de serviço, ter pleiteado a indenização por danos morais e materiais em face da fornecedora, alegando que foi vítima de ato libidinoso praticado por outro usuário.

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

Ausência de espaço apropriado para amamentação em hospital justifica a rescisão indireta do contrato de trabalho

A 4ª Câmara do TRT-15 negou provimento a um recurso ordinário em procedimento sumaríssimo da reclamada, uma entidade filantrópica que administra hospital na cidade de São José dos Campos, e manteve decisão do juízo da 2ª Vara do Trabalho local, que reverteu a demissão por justa causa da reclamante e declarou a rescisão indireta do contrato de trabalho da trabalhadora, por ausência de espaço destinado à amamentação.

A relatora do acórdão, desembargadora Eleonora Bordini Coca, anotou de início que a demissão por justa causa, por se tratar da pena mais grave existente no Direito do Trabalho e que pode macular a imagem do empregado e criar dificuldades para seu retorno ao mercado de trabalho, exige prova robusta. Destacou, ainda, que sua aplicação deve observar alguns requisitos, "de forma a afastar abusos do poder disciplinar", e que, por essa razão, é imprescindível a presença da imediatidade e da proporcionalidade entre a infração e a punição.

Desse modo, a relatora registrou que "competia à reclamada provar o justo motivo da rescisão, na forma dos artigos 818 da CLT, 333, inciso II, do CPC de 1973, e 373, inciso II, do CPC de 2015, e à luz do princípio da continuidade da relação de emprego". A empresa, no entanto, sustentou a magistrada, não se desvencilhou de tal encargo.

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

[Voltar ao menu](#)

Homem é condenado por chantagear mulher com ameaças de exposição de imagens íntimas

Mais um homem foi condenado ao pagamento de indenização por danos morais a mulher com quem dividiu fantasias virtuais por certo período para, ao término da relação, passar a extorquir-lhe com ameaça de divulgar publicamente as imagens íntimas que guardava em seu poder.

A 3ª Câmara Civil do TJ confirmou a condenação e o valor da indenização, fixado em R\$ 30 mil. Segundo os autos, acusado e vítima mantiveram por mais de ano contato virtual, período em que o réu convenceu a vítima a se expor diante da câmera e gravou cenas de conotação sexual. Após os registros, ele ameaçou divulgar as imagens caso ela não lhe desse dinheiro. Ela também foi compelida a lhe comprar um aparelho celular e uma câmera digital.

Cansada da situação de extorsão frequente, a vítima denunciou o acusado, que por sua vez afirmou nunca ter praticado chantagem. Segundo ele, os valores recebidos diziam respeito a empréstimos feitos pela autora. Quanto ao histórico de mensagens apresentado no decorrer do processo, o réu afirmou serem elas apócrifas e unilaterais.

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

[Voltar ao menu](#)

Panorama Internacional

Sudão libera 24 mulheres acusadas de usar roupas “escandalosas”

Elas ficaram quatro dias presas por usarem saias qualificadas como "curtas" e calças muito apertadas em festa

Cartum – Um tribunal do **Sudão** declarou neste domingo a inocência de 24 mulheres, entre elas duas sul-sudanesas, detidas na quinta-feira passada estarem usando “peças (de roupa) escandalosas” numa festa realizada num salão particular no leste de Cartum.

De acordo com o policial Mohammed al Samani, o juiz não viu o ato como um crime e liberou as mulheres. Elas ficaram quatro dias presas por usarem saias qualificadas como “curtas” e calças muito apertadas.

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

Faltam vagas em abrigos para mulheres vítimas de violência na Alemanha

Uma em cada três mulheres no mundo sofre violência, e isso acontece também na Alemanha. Muitas vezes, o culpado é o próprio parceiro, e o local do abuso é a própria casa. Abrigos oferecem refúgio, porém, os lugares são limitados.

Durante o relacionamento, eu senti que surgiu um vazio na minha alma. E que ele roubou e comeu a minha alma", diz Viktoria (nome dado pela redação), lutando para conseguir palavras para expressar as feridas que seu primeiro marido lhe causou mental e fisicamente. Ele a prendeu, humilhou e controlou por vários dias em seu apartamento. Mas, por acaso, ela recebeu um panfleto com endereços de locais que ofereciam assistência às vítimas de violência doméstica. Ela escondeu o papel e fugiu quando a porta do apartamento não estava trancada.

Após a separação, Viktoria tentou construir uma nova vida. Ela começou uma nova relação: o homem era amoroso e, inclusive, cozinhava para ela. Viktoria voltou a estudar para tentar entrar na universidade, ficou grávida – porém, a violência começou mais uma vez dentro de casa, com abusos verbais diários, humilhações e também violência física. Certa vez, seu marido tentou estrangulá-la. A pressão era tanta que ela estava prestes a se suicidar.

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

[Voltar ao menu](#)

"Passei quase cinco anos presa por um aborto espontâneo"

Aos 34 anos, a salvadorenha Maria Teresa Rivera passou quatro anos e meio na cadeia, acusada de homicídio agravado, foi solta e fugiu para a Suécia por medo de retaliações ou de voltar para a cadeia. O detalhe é que nunca existiram provas de que ela tenha matado alguém. Na verdade, Maria jura que sofreu um aborto espontâneo e a justiça não tem provas de que tenha sido diferente.

Mas, em El Salvador, o aborto é crime em qualquer situação e os médicos são obrigados a reportar qualquer caso suspeito de tentativa de interromper uma gestação. E quando Maria perdeu o filho, foi isso o que fizeram, resultando em sua condenação a 40 anos de prisão. Hoje, ela é considerada a primeira refugiada do aborto do mundo.

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

[Voltar ao menu](#)

Menina afegã cresce na cadeia com mãe condenada à prisão perpétua

Meena nasceu na prisão. Ali foi concebida, ali teve catapora, rubéola e caxumba. Ali a menina passou seus 11 anos, e ali deverá permanecer até completar 18.

Meena não cometeu nenhum crime. Mas sua mãe, Shirin Gul, foi condenada à prisão perpétua por 27 assassinatos, e a política prisional afegã lhe permite manter a filha consigo até a maioridade.

A menina nunca viu TV e não tem ideia de como é o mundo fora dos muros. Sua provação é enorme, mas não é exceção. Na ala feminina do presídio de Nangarhar, há mais 35 crianças como ela entre 42 detentas. Nenhuma outra, porém, passou tanto tempo ali, já que a maioria das mães tem penas menores.

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

Mulheres de altos cargos do governo dos EUA se somam ao movimento #MeToo

Mais de 220 diplomatas, ex-diplomatas e funcionárias de Defesa e Segurança Nacional dos Estados Unidos somaram seus nomes ao movimento #MeToo, ao divulgar uma carta na qual denunciaram que o assédio sexual é muito recorrente em seus círculos de trabalho.

As "mulheres da comunidade de Segurança Nacional", como são chamadas na carta publicada na noite de segunda-feira, protestaram contra o abuso e a discriminação das mulheres, argumentando que, assim como no setor privado, suas denúncias são ignoradas e são prejudicadas profissionalmente por homens. "Nós também somos sobreviventes de assédio sexual, agressões e abuso, ou conhecemos outras que são", escreveram.

"Isso não é apenas um problema em Hollywood, no Vale do Silício, em redações, ou no Congresso. Está em todas as partes. Esses abusos nascem do desequilíbrio de poder e de entornos que permitem tais práticas, enquanto silenciam e envergonham as sobreviventes".

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

[Voltar ao menu](#)

As designers que querem acabar com o desconforto de mulheres nos exames ginecológicos

Instrumento usado em consultas causa incômodo e foi inventado pelo controverso “pai” da ginecologia moderna.

O exame ginecológico conhecido como Papanicolau é um procedimento de rotina feito a partir dos 25 anos ou da primeira relação sexual, mesmo em pacientes que não apresentem nenhum sintoma. Toda pessoa com vagina (mulheres cisgênero e homens trans) que se consulte com um médico ginecologista passa por ele.

Sua função é a de detectar algumas doenças, como câncer de colo de útero, e, eventualmente, infecções genitais. Para isso, a médica ou médico examina a vagina, a vulva e o colo do útero com o auxílio de um instrumento chamado espécuro, que afasta as paredes vaginais para tornar esses órgãos visíveis.

Em geral, na sequência também é realizado o exame pélvico (conhecido como toque vaginal), no qual o profissional insere um dedo na vagina da mulher e, com a outra mão, apalpa sua pelve pelo lado de fora. Atualmente, porém, pesquisas científicas contestam sua realização rotineira em mulheres sem sintomas.

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

No DF, mulheres negras têm quase 5 vezes mais chance de serem assassinadas

Números são de um levantamento feito pela Organização das Nações Unidas em parceria com a Secretaria Nacional de Juventude, da Presidência

Mulheres negras têm mais chances de serem assassinadas que as brancas da mesma idade em praticamente todos os estados brasileiros, de acordo com o levantamento da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) em parceria com a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) da Presidência da República. Foram analisados apenas os municípios com mais de 100 mil habitantes e, pela primeira vez, o IVJ analisou informações de gênero. Os resultados do estudo serão apresentados nesta segunda-feira (11/12), com a divulgação do Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência 2017 (IVJ).

A faixa etária abordada — jovens de 15 a 29 anos — representa um quarto da população brasileira, e é justamente onde estão as maiores vítimas de homicídios. Segundo o estudo, as mortes têm geografia e endereço certo, pois fala dos jovens, sobretudo negros, que moram em áreas pobres e estão mais expostos à violência. "Eles não estão em vulnerabilidade apenas por causa da cor da pele. Tem a ver com escolaridade, com morar na periferia... Tem uma questão geográfica muito séria aí", afirma a representante da Unesco no Brasil, Marlova Noletto.

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

[Voltar ao menu](#)

Lesbocídio! Projeto junta dados de violência contra lésbicas no Brasil.

Em abril de 2016, Luana Barbosa dos Reis – uma mulher lésbica, negra, mãe e periférica – morreu após ser espancada por três policiais militares na frente do filho de 14 anos em Ribeirão Preto (SP).

A repercussão deste caso de lesbocídio, vinculado ao fato de não existir informações específicas sobre violência contra lésbicas no Brasil, fez com que a estudante de Serviço Social pela UERJ, Milena Carneiro, decidisse criar um projeto para reunir histórias e dados desses crimes. “Eu, enquanto lésbica não feminilizada, sofro agressões por ser lésbica desde que me entendo por gente. Ver o assassinato da Luana me instigou a refletir sobre onde estavam os outros casos”, afirmou a estudante ao *Catraca Livre*.

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

[Voltar ao menu](#)

Trabalho doméstico impede um terço das jovens de trabalhar ou estudar

Um terço das mulheres de 16 a 29 anos que não estudavam ou trabalhavam em 2016 alegaram não realizar essas atividades por ter que cuidar de afazeres domésticos, filhos ou parentes. Quando observados homens que alegaram o mesmo motivo, o percentual é de apenas 1,4%.

Os dados fazem parte da pesquisa Síntese dos Indicadores Sociais do IBGE, divulgada. O instituto investigou os motivos alegados pelos jovens que nem estudam e nem trabalham, os chamados "nem nem".

De acordo com o IBGE, 25,8% da população entre 16 a 29 anos não estudavam nem trabalhavam em 2016. O indicador aumentou 1,8 ponto percentual em relação a 2015 (24%). A fatia de jovens nessa condição vem em movimento de alta desde de 2012, quando 22,8% estavam nessa situação.

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

A desigualdade entre homens e mulheres precisa ser enfrentada

Mulheres que trabalham fora dedicam, em média, 7,5 horas a mais por semana para afazeres domésticos do que homens no Brasil, mas não recebem reconhecimento ou mais dinheiro por isso, visto que o trabalho doméstico segue desvalorizado e invisível.

O dinheiro que as mulheres conseguem é gasto geralmente quase todo (90%) com sua família, diferente dos homens que gastam 30-40% com seus dependentes. É por isso que programas de transferência de renda geralmente deixam o dinheiro da família com elas. Assim, os programas têm maior chance de atingir o objetivo de combater a desnutrição de crianças, por exemplo.

As mulheres rurais têm menos acesso à terra própria e outros recursos relacionados, como insumos, sementes e tecnologia. Elas recebem menos que homens e o trabalho delas é mais precarizado. Elas estão em menos postos de trabalho assalariado que eles e há menos mulheres donas de negócios que homens na mesma posição. Em alguns países, as mulheres rurais chegam a trabalhar 12 horas a mais que os homens.

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

[Voltar ao menu](#)

Ser negra dobra risco de morte de jovem

Índice foi calculado pelo governo e pela Unesco com base em dados de 304 grandes cidades; só no PR taxa de mortalidade de brancas é maior

Uma jovem negra no Brasil corre risco 2,2 vezes maior de ser morta do que uma jovem branca, segundo o relatório Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência, divulgado. Em 26 unidades da Federação – apenas o Paraná fica de fora –, a taxa de homicídios entre mulheres de 15 a 29 anos é maior entre as negras. Elas são ainda mais vulneráveis à violência em Estados como o Rio Grande do Norte, onde morrem 8,11 vezes mais do que as jovens brancas.

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

[Voltar ao menu](#)

Negras, pobres e sem estudo: O dia a dia das mães que lutam com as consequências do zika

O impacto da distância da capital e da falta de comprometimento do Estado na rotina das mães de filhos com síndrome congênita do zika no sertão de Alagoas.

Quando Gabriel Santos Silva nasceu, em 9 de novembro de 2015, sua mãe, Patrícia Santos Silva, 24 anos, ouviu pela primeira vez o diagnóstico: “aquele probleminha do mosquito”. Foi assim que ela soube que seu sexto filho tinha a síndrome congênita do zika.

Gabriel foi considerado o “caso zero” da síndrome em Santana do Ipanema, a maior cidade do sertão alagoano, com 45 mil habitantes e a 207 quilômetros de Maceió. No mesmo dia, outra criança no município nasceu também com sequelas da infecção da mãe pelo vírus. Eles são parte da geração fruto de mulheres infectadas no surto da doença provocada pelo mosquito *Aedes aegypti*, iniciado em Alagoas em março de 2015.

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

[Voltar ao menu](#)

Pesquisa inédita da Gênero e Número e da Abraji traz retrato do machismo no jornalismo brasileiro

Mais de 500 mulheres jornalistas de todo o Brasil participaram de pesquisa; 86,4% já passaram por pelo menos uma situação de discriminação de gênero e 70,2% já presenciaram ou tomaram conhecimento de uma colega sendo assediada no ambiente de trabalho

Pesquisa realizada pela **Gênero e Número** e pela Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo) com mais de 500 jornalistas brasileiras mapeou como o machismo afeta estas profissionais em seu ambiente de trabalho. Os resultados apontam para a presença de atitudes sexistas em redações em todo o país, que vão desde a distribuição de pautas com base em estereótipos de gênero até o assédio sexual perpetrado por colegas e superiores, sem uma resposta adequada das empresas para estes problemas.

A pesquisa “Mulheres no Jornalismo Brasileiro” promoveu grupos focais em quatro capitais – Rio de Janeiro, Porto Alegre, Brasília e São Paulo – com 42 jornalistas, que abordaram as principais questões em relação à desigualdade entre mulheres e homens no jornalismo a partir de suas próprias experiências. Estas conversas serviram como base para a elaboração de um questionário online, respondido por 531 jornalistas em todo o Brasil, das quais 477 responderam ao perfil solicitado pela pesquisa – funcionárias de veículos jornalísticos – e foram consideradas para a consolidação dos resultados.

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

[Voltar ao menu](#)

Com filhos, mulheres se dedicam à educação e homens atuam em lazer

As mulheres se dedicam mais aos cuidados pessoais e no auxílio de atividades educacionais dos filhos, enquanto os homens costumam monitorar e realizar atividades como ler, jogar ou brincar com as crianças. A conclusão é do complemento inédito sobre trabalho não remunerado da Pnad Contínua, pesquisa de abrangência nacional do IBGE, divulgada com dados de 2016.

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

Mulheres em Movimento

#MinhaAvóNaHistória: o feminismo contado pela história de vida das avós

Iniciativa da página "As Mina na História" pede que internautas recontem as histórias das avós, tias, bisavós e tias avós

“Eu queria que a gente começasse a olhar as nossas avós como mulheres históricas. Que a gente possa aprender sobre feminismo, desigualdade de gênero, classe, direitos e os estereótipos que levamos na fala das nossas avós, nas histórias que elas contam sobre suas vidas”.

Foi a partir deste post, publicado no dia 12 de dezembro, que a página do Facebook *As Mina na História* lançou uma mobilização para que usuários das redes sociais entrevistassem suas avós, tias, bisavós ou tia avós e contassem as histórias de vida delas no Facebook e Twitter.

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

Ella – Encontro Latino-americano de Mulheres

Depois de passar por diversos países como Bolívia, Peru e Argentina, a rede **ELLA** volta à BH, onde teve sua primeira edição, em 2014, para conversar sobre **Mulheres na Política**. O encontro terá a presença de políticas, ex-ministras, militantes de movimentos sociais e culturais e mulheres da sociedade civil que irão pautar as influências e mudanças necessárias para uma modificação efetiva no paradigma político global das questões de gênero, dominado por homens e silenciamento das mulheres.

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

A história do único acampamento cigano chefiado por mulheres

Fundado em 2011 por três viúvas, o acampamento enfrentou machismo, racismo e o desamparo.

A decisão foi unânime. Enfrentar anos de violência, esforço físico desmedido e festas regadas a bebidas alcoólicas e drogas ilícitas já não pertencia ao universo desejado por cinco das sete irmãs da família Fernandes. O falecimento dos maridos foi o impulso final para que elas pegassem seus trapos e mudassem em busca de uma vida melhor, em uma cidade nova e cheias de esperança. Joinville parecia o destino certo.

Seria a oportunidade perfeita para romperem com os vícios dos Povos Romani, chamados ciganos, na comunidade onde viviam, e criar seus filhos em um ambiente diferente.

As viúvas, de etnia Calon, ou Calins, como são chamadas as mulheres do grupo, tinham apenas duas opções: ou mantinham-se unidas, somente entre mulheres, com a possibilidade de enfrentarem um padrão de vida precário; ou teriam que morar em São Paulo, às custas de um cunhado traficante de armas e entorpecentes, que negociava com ciganos e *gadjons* – os não-ciganos.

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

Mulheres quenianas lutam contra ritual tradicional que exige sexo com estranhos para 'purificação' de viúvas

Costume, que se mantém vivo nas áreas mais pobres e rurais do país, deixa as mulheres vulneráveis ao vírus da Aids.

Um grupo de mulheres no oeste do Quênia luta para romper com uma antiga tradição: a "purificação" de viúvas.

O ritual praticado pelo povo Luo, predominante na região, prevê que as mulheres mantenham relação sexual – muitas vezes com estranhos – após a morte dos maridos, no intuito de "limpá-las de impurezas".

Embora tenha sido considerado ilegal pelo governo em 2015, o costume se mantém vivo em uma das áreas mais pobres e rurais do país. E muitas vezes acontece sem o uso de preservativos, deixando as mulheres vulneráveis ao HIV, vírus causador da Aids.

A Organização das Nações Unidas (ONU) estima que 1,5 milhão de quenianos são portadores da doença – e que cerca de 400 mil não sabem disso.

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

"O feminismo é uma luta ainda mal compreendida"

Três ativistas brasileiras defendem que o feminismo abarca várias causas e lutas— e não a competição entre mulheres e homens

Apesar de séculos de história e reivindicações, o **feminismo** na sociedade atual ainda é uma luta mal compreendida — inclusive pelas próprias mulheres. Uma luta que não busca a competição, como alguns sugerem, mas que visa a conquista de direitos na sociedade. As afirmações são de **Patrícia Bezerra**, psicóloga, ativista de direitos humanos e eleita pela ONG Voto Consciente como melhor vereadora mulher de São Paulo. "O que a luta do feminismo quer é garantir direitos.

Queremos paridade, igualdade salarial, igualdade de visão", disse Patrícia durante conversa organizada pela Fundação Patrícia refletiu ao lado das ativistas Bianca Santana e Manoela Miklos sobre diversos aspectos que cercam a luta e o debate feminista. "Há quem ainda veja o feminismo como algo correspondente ao machismo. Não faz sentido. Estamos falando de busca de igualdade e incluímos várias lutas dentro da luta geral", diz Bianca Santana. "Há demandas específicas, considerando que as mulheres são uma categoria enorme, com muita diferença entre si". A luta das mulheres negras pobres, que estão na "base da pirâmide em todos os indicadores", é diferente das mulheres brancas que estão ascendendo no mercado de trabalho. Bianca apresentou essa visão para defender que "as mulheres negras" não estão querendo roubar o protagonismo desse debate. "Há muitos intelectuais falando que os movimentos de mulheres negras estão radicalizando a experiência brasileira.

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

[Voltar ao menu](#)

Manuela: Diminuição do Estado numa sociedade machista é punir as mulheres

Em um artigo publicado no blog #AgoraÉQueSãoElas, num especial sobre a violência contra a mulher na política, a deputada estadual Manuela D'Ávila (RS), responde a indagação dos motivos que ela, enquanto mulher, decidiu aceitar o desafio de ser pré-candidata à Presidência da República pelo PCdoB.

"E percebi que tudo o que eu havia ponderado estava relacionado com o fato de eu ser mulher. Sim, pensei muito nisso. Pensei em todas as formas de violência política de gênero que já sofri, nos últimos 19 anos, e se estava disposta a encarar tudo isso numa potência muito mais elevada", contou Manuela. Ela relata que, com a sua trajetória política como militante do partido desde os seus 17 anos, a pré-candidatura é um desafio e uma honra por levar adiante as bandeiras da sigla num processo eleitoral emblemático.

Mas ela também aponta as motivações pessoais, como a sua filha Laura, de apenas dois anos. "Todo o tempo pensei em minha filha Laura, que ainda é amamentada. Nós somos muito parceiras uma da outra, consegui incorporá-la na rotina de deputada estadual completamente. Mas quais serão as condições adversas para levá-la comigo aos longínquos roteiros?", revelou Manuela.

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

[Voltar ao menu](#)

Agenda Cultural

Mulheres Divinas' mostra luta por direitos sem se entregar à questão ideológica

Pouco sabemos da Suíça, além do fato de ser um país rico, ter muitos banqueiros poderosos e gente famosa pela pontualidade. Por isso mesmo, é tão surpreendente descobrir que, até 1971, as mulheres suíças não tinham direito a voto. A crer em "Mulheres Divinas", aliás, pode-se dizer que não tinham nem direito a voto. Nora, a protagonista do filme, gostaria de trabalhar fora ao menos uma parte do dia. Mas a lei suíça diz que, para isso, ela precisa ter autorização do marido. E dar essa licença está longe dos planos dele.

Eles moram em uma dessas aldeias onde todo mundo sabe de todo mundo, de modo que, ainda que fosse um liberal, teria que aguentar o diz-que-diz da vizinhança. É desde então que Nora começa a pensar na questão do voto feminino. Descobre uma ou duas mulheres capazes de segui-la e começa a pensar que pode enfrentar o ambiente tremendamente hostil às suas ideias.

Talvez seja esse o principal mérito do filme: sabe recortar seu objeto, limitando-o a uma aldeia, intensificar a questão da dependência feminina (pelo mesmo motivo) e, simultaneamente, ampliá-la. Na concepção do longa, um ponto forte é não deixar o filme entregue à questão ideológica (por mais justo que pareça o direito ao voto feminino em 1971).

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

[Voltar ao menu](#)

12ª Femina – Festival Internacional de cinema feminino (13.12 a 18.12)

Primeiro festival latino-americano de filmes dirigidos por mulheres, o Femina chega à 12ª edição homenageando a atriz Laura Cardoso, que completou 75 anos de carreira em 2017. O projeto destaca a presença feminina no audiovisual e coloca em discussão temas como o feminismo e a igualdade de gênero.

Leia na Íntegra: [clique aqui](#)

[Voltar ao menu](#)

O **Boletim eletrônico do NUDEM: Núcleo Especializado de Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher** destina-se à comunicação interna da Defensoria Pública do Estado de São Paulo e seus parceiros. Produzido pelo Núcleo Especializado de Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher em parceria com a Coordenadoria de Comunicação Social e Assessoria de Imprensa. Para mais informações, contate nucleo.mulher@defensoria.sp.gov.br

Atenciosamente,

Núcleo Especializado de Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher (NUDEM)

Rua Boa Vista, nº 103, 4 º andar, Centro

Tel.: (11) 3101 0155

Cep:01014-001 São Paulo, SP

Home page: www.defensoria.sp.def.br

E-mail: nucleo.mulher@defensoria.sp.def.br
